



# O MUNDO DEPOIS DE NÓS



RUMAAN ALAM

# O MUNDO DEPOIS DE NÓS

RUMAAN ALAM

TRADUÇÃO DE ALBERTO FLAKSMAN



Copyright © 2020 by Rumaan Alam  
Todos os direitos reservados. Publicado nos Estados Unidos. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de nenhuma maneira sem permissão por escrito, exceto no caso de breves citações incorporadas em artigos críticos e resenhas. Para informações, contatar HarperCollins Publishers, 195 Broadway, Nova York, NY 10007.

TÍTULO ORIGINAL  
*Leave the World Behind*

COPIDESQUE  
Angélica Andrade

REVISÃO  
Eduardo Carneiro  
Theo Araújo

LEITURA SENSÍVEL  
Rogerio W. Galindo

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design

ARTE DE CAPA  
*Night Swimming* (2019) © Jessica Brill

DESIGN DE CAPA  
Sara Wood

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A274m

Alam, Rumaan, 1977-  
O mundo depois de nós / Rumaan Alam ; tradução Alberto Flaksman. -  
1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.  
288 p. ; 21 cm.

Tradução de: *Leave the world behind*  
ISBN 978-65-5560-639-3

1. Romance americano. I. Flaksman, Alberto. II. Título.

23-85999

CDD: 813  
CDU: 82-31(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]  
*Todos os direitos desta edição reservados à*  
Editora Intrínseca Ltda.  
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303  
22640-904 – Barra da Tijuca  
Rio de Janeiro - RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

Para Simon e Xavier

Love goes on like birdsong,  
As soon as possible after a bomb.\*

— **BILL CALLAHAN, “ANGELA”**

---

\* “O amor continua como o canto de um pássaro/ O mais rápido possível depois de uma bomba.” [N. da E.]

BEM, O SOL BRILHAVA. ELES SENTIRAM QUE ISSO ERA UM BOM sinal — as pessoas têm por hábito transformar qualquer coisa comum num pressentimento. De fato, significava apenas que não havia nuvens no céu. O sol estava no lugar de sempre. O sol, persistente e indiferente.

Chegaram a um ponto de convergência de estradas. O tráfego parou. O carro cinza deles era como uma campânula, um microclima: o ar condicionado, os cheiros da adolescência (suor, chulé, secreções), o xampu francês de Amanda e o farfalhar do lixo no chão, afinal sempre havia lixo. O carro era o território de Clay, e ele era descuidado a ponto de permitir que tudo se acumulasse: os restos de aveia das barras de cereal compradas a granel, um pé de meia inexplicável, um anúncio de assinatura da revista *New Yorker*, um lenço de papel amassado e endurecido de catarro, um papel de Band-Aid de sabe-se lá quando. As crianças viviam precisando de Band-Aid, a pele rosada abrindo-se como uma fruta madura.

A luz do sol nos braços deles era reconfortante. Os vidros das janelas tinham películas protetoras para prevenir o câncer de pele. Havia notícias sobre uma temporada de furacões que

se aproximava, tempestades com nomes curiosos saídos de uma lista pré-aprovada. Amanda diminuiu o som do rádio. Era sexista que fosse sempre Clay quem dirigisse? Bem, Amanda não tinha paciência para os sacramentos da direção, como as regras de estacionar nas ruas ou ter que fazer a revisão a cada vinte mil quilômetros rodados. Além disso, Clay se orgulhava desse tipo de coisa. Ele era professor universitário, o que parecia ter uma forte correlação com seu gosto pelas tarefas práticas da vida: juntar os jornais velhos para reciclagem, espalhar pó químico na calçada quando o clima ficava gelado, substituir lâmpadas queimadas e desentupir pias com um minidesentupidor.

O carro nem era tão novo a ponto de ser luxuoso nem tão velho a ponto de ser boêmio. Um bem de classe média para pessoas de classe média, projetado mais para não desagradar do que para ser atraente, comprado numa concessionária com paredes espelhadas e alguns balões sem graça, em que havia muito mais vendedores do que clientes, reunidos em grupos de dois ou três e com moedas tilintando nos bolsos das calças. Às vezes, no estacionamento, Clay tinha que tentar abrir o carro várias vezes — o veículo era um modelo popular, cor “grafite” —, frustrado quando o sistema de abertura de portas sem chave não funcionava.

Archie tinha quinze anos. Calçava tênis disformes do tamanho de pães de forma. Um cheiro de leite pairava ao redor dele, o mesmo que bebês exalam, mas sob a camada superficial havia suor e hormônios. Para disfarçar, Archie borrifava no tufo de pelos embaixo dos braços um produto químico com um odor inexistente na natureza, que, por consenso, um grupo focal havia considerado o ideal masculino. Rose era mais cuidadosa. O vislumbre de uma garota a desabrochar. Um cão farejador

sentiria o cheiro metálico sob o aroma dos cosméticos baratos, a predileção adolescente por maçãs e cerejas falsas. Eles tinham cheiros, todos têm, mas não dava para dirigir na autoestrada com as janelas abertas, era muito barulhento.

— Vou ter que atender. — Amanda ergueu o celular, avisando, embora ninguém estivesse dando bola.

Archie e Rose olhavam para os respectivos celulares, ambos com jogos ou redes sociais pré-aprovados pelos pais. Archie trocava mensagens com o amigo Dillon, cujos pais tentavam reparar as consequências do divórcio em andamento ao deixá-lo passar o verão fumando maconha no último andar da casa deles em Bergen Street. Rose já havia postado muitas fotos da viagem, embora o passeio mal tivesse começado.

— Oi, Jocelyn...

Depois que os telefones passaram a identificar quem estava ligando, a delicadeza se perdeu. Amanda era diretora de contas e Jocelyn, supervisora de contas, uma das três subordinadas diretas, como se diz nos escritórios modernos. Jocelyn, filha de coreanos, tinha nascido na Carolina do Sul, e Amanda ainda achava que o sotaque errático da colega era inadequado. Mas isso era tão racista que ela nunca poderia admitir para ninguém.

— Desculpe incomodar... — disse Jocelyn, a respiração sincopada.

Amanda não era tão assustadora, mas o poder dela era. Ela havia começado a carreira no estúdio de um dinamarquês temperamental que optava pelo corte de cabelo que lembrava o de um padre. Havia encontrado o homem num restaurante, no inverno passado, e ficado nauseada.

— Não tem problema.



Amanda não era generosa. O telefonema era um alívio. Ela queria que os colegas precisassem dela como Deus quer que as pessoas continuem rezando.

Clay tamborilou no volante encapado de couro, o que fez a esposa lhe lançar um olhar enviesado. Ele deu uma olhada no retrovisor para confirmar se os filhos ainda estavam lá, um hábito criado quando os dois ainda eram pequenos. O ritmo da respiração deles era regular. Ficavam tão hipnotizados diante do celular quanto as serpentes ao som de uma flauta.

Ninguém estava olhando a paisagem. O cérebro é mais poderoso que os olhos; num dado momento, as expectativas quanto a alguma coisa são superiores à coisa em si. Placas de sinalização em amarelo e preto, colinas desaparecendo atrás de paredes de concreto pré-fabricadas, a visão eventual de desnível, de uma ferrovia, de um campo de beisebol, de uma piscina de fibra. Amanda assentia enquanto falava ao telefone, não para a pessoa do outro lado da linha, mas para provar a si mesma que estava prestando atenção. Às vezes, de tanto mexer a cabeça, se esquecia de escutar.

— Jocelyn... — Amanda tentava encontrar uma boa ideia. Jocelyn precisava mais da aprovação de Amanda do que das ideias dela. A hierarquia num escritório era arbitrária, como tudo o mais. — Está bem. Parece bom. Nós ainda estamos na autoestrada. Você pode me ligar, não se preocupe. Mas o sinal vai ficar ruim assim que a gente estiver mais longe. Tive esse mesmo problema no último verão, lembra? — Ela fez uma pausa e ficou sem graça. Por que a funcionária se lembraria das férias de Amanda de um ano atrás? — Vamos mais longe desta vez. — Tentou fazer uma piada. — Mas pode ligar ou mandar e-mail, óbvio, não tem problema. Boa sorte.

— Está tudo bem no seu escritório?

Clay não resistia a usar a expressão “seu escritório” com uma entonação diferente. Era uma metonímia para o trabalho dela, do qual ele compreendia muita coisa, mas não tudo. Um cônjuge devia ter vida própria, e a de Amanda era muito distante da do marido. Talvez isso ajudasse a explicar a felicidade dos dois. Pelo menos metade dos casais que eles conheciam tinha se divorciado.

— Tudo certo.

Um dos truísmos que ela mais usava era que uma boa porcentagem dos empregos não se distinguiam uns dos outros, já que todos incluíam enviar e-mails que avaliavam o trabalho em si mesmo. Um dia de trabalho consistia no envio de vários memorandos a respeito do trabalho em curso, algum tipo de gentileza burocrática, setenta minutos no almoço, vinte minutos embromando pelas áreas do escritório e vinte e cinco minutos tomando café. Às vezes o papel dela nessa charada parecia meio bobo e outras vezes, urgente.

O trânsito não estava tão ruim, mas, à medida que as estradas se estreitavam e se tornavam ruas, engarrafava. Era como o árduo trecho final da viagem de um salmão de volta para casa, só que com canteiros centrais viçosos e centros comerciais com paredes manchadas de chuva. As cidades ou eram habitadas por operários e cheias de gente da América Central, ou eram prósperas e habitadas por brancos que faziam parte do mundo meio marginalizado dos encanadores, decoradores e corretores de imóveis. Os ricos de verdade viviam em outro mundo, como no reino encantado de Nárnia. Você os descobria por acaso, ao seguir uma estradinha cheia de quebra-molas até o fim, um beco sem saída, uma mansão com paredes externas revestidas

de madeira e a vista para um lago. O ar tinha o aroma daquela doce mistura de brisa oceânica e sorte, bom para tomates e milho, mas dava para perceber também uma nota de carros de luxo, arte e aqueles panos macios que as pessoas ricas deixam empilhados no sofá.

— Vamos fazer uma parada para um lanche? — Clay bocejou no fim da pergunta, emitindo um som estrangulado.

— Estou morrendo de fome. — A hipérbole de Archie.

— Vamos no Burger King! — Rose tinha visto o restaurante.

Clay sentiu a esposa ficar tensa. Ela preferia que comessem coisas saudáveis (particularmente Rose). Ele conseguia captar a desaprovação dela como um sonar. Era como a onda que precedia uma ereção. Estavam casados havia dezesseis anos.

Amanda comeu batatas fritas. Archie pediu um número absurdo de pequenos pedaços de frango frito. O garoto jogou todos num saco de papel, junto com algumas batatas fritas, e despejou dentro o conteúdo de um sachezinho de um molho marrom adocicado e pegajoso. Depois, mastigou tudo, feliz.

— Que nojento. — Rose reprovava o que o irmão fazia por ser seu irmão. Ela comeu um hambúrguer, com menos cuidado do que imaginava, e ficou com maionese em volta dos lábios rosados. — Mãe, a Hazel marcou um lugar no mapa, você pode ver se a casa dela fica longe daqui?

Amanda se lembrava de ter ficado chocada com quão barulhentas as crianças eram ao mamar no peito. Drenavam e sugavam, como o som de encanamentos, com arrotos tranquilos e flatulências silenciosas, tipo fogos de artifício que não explodiram, algo animalesco e sem constrangimento. Ela pegou o telefone da garota, engordurado de comida e de dedos sujos, quente de tanto ser manuseado.

— Isso não fica nem um pouco perto de nós, querida.

Mais que uma amiga, Hazel era uma das obsessões de Rose. Ela ainda era muito nova para entender, mas o pai de Hazel era um dos diretores do banco Lazard. As férias das duas famílias não seriam nada parecidas.

— Olha *direito*. Você disse que talvez a gente pudesse ir lá.

Isso era o tipo de coisa que Amanda dizia quando não estava prestando muita atenção e depois se arrependia, porque as crianças se lembravam das promessas que ela fazia. Amanda olhou de novo para o telefone.

— É em East Hampton, querida. Fica, no mínimo, a uma hora daqui. Talvez até mais, dependendo do dia.

Rose se encostou na cadeira, visivelmente irritada.

— Pode devolver meu telefone, por favor?

Amanda se virou e olhou para a filha, que estava frustrada e com o rosto vermelho.

— Desculpe, mas não quero ficar duas horas presa no trânsito do verão para você brincar com sua amiga. Não nas minhas férias.

A garota cruzou os braços e fez um bico. Brincar! Ela se sentiu insultada.

Archie mastigava e encarava o próprio reflexo no vidro da janela do carro.

Clay comia enquanto dirigia. Amanda ficaria furiosa se eles morressem num acidente de carro porque o marido estava distraído engolindo um sanduíche de setecentas calorias.

As vias ficaram mais estreitas. Em algumas das estradinhas que saíam da principal, havia barracas de produtos das fazendas à venda com base no sistema de confiança, ou seja, sem ninguém para tomar conta dos produtos: recipientes de meio

litro forrados de feltro verde cheios de framboesas peludas desfazendo-se em suco e uma caixa de madeira por cinco dólares. Tudo era tão verde que, para falar a verdade, chegava a ser meio enlouquecedor. Dava vontade de comer tudo: sair do carro, ficar de quatro e morder a própria terra.

— Vamos sair para tomar um pouco de ar fresco.

Clay abriu todas as janelas, livrando-se do fedor das flatulências dos filhos. Reduziu a velocidade porque a estrada era cheia de curvas, sedutora, fazia as pessoas balançarem de um lado para outro. Caixas de correio avisavam: aqui habita gente rica e de bom gosto, caia fora. Não dava para ver nada, a mata era muito densa. Viam-se avisos sobre a presença de cervos, estúpidos e acostumados com os humanos. Os animais desfilavam com tranquilidade pelas ruas, de olhos arregalados e conseqüentemente cegos. Havia cadáveres deles por toda parte, marrons e inchados.

O carro fez uma curva e eles deram com outro veículo à frente. Aos quatro anos Archie já sabia o que era aquilo: uma grande plataforma sendo puxada por um trator. O motorista ignorou o carro na traseira, com a tranquilidade de um morador diante de invasores, enquanto o trator e seu reboque venciam as subidas e descidas da estrada. Depois de quase dois quilômetros, o veículo saiu da estrada e entrou em uma propriedade. A essa altura, o fio de Ariadne, ou fosse lá o que os ligava aos satélites que flutuavam acima, tinha se rompido. O GPS não fazia nenhuma ideia de onde estavam, e eles tiveram que seguir as indicações que Amanda, sempre adepta de planejamentos, havia copiado no notebook. Esquerda, direita, depois esquerda, esquerda de novo por quase dois quilômetros, em seguida esquerda, mais três quilômetros, depois direita, não totalmente perdidos, mas também não completamente não perdidos.

A CASA ERA DE TIJOLOS PINTADOS DE BRANCO. HAVIA UM CHARME naquele vermelho transfigurado. Parecia antiga e nova. Sólida e leve. Talvez esse fosse um desejo inerentemente americano, ou apenas um desejo contemporâneo, o de ter uma casa, um carro, um livro, um par de sapatos que materializassem essas contradições.

Amanda havia encontrado o lugar no Airbnb. “O refúgio definitivo”, prometia o anúncio. Ela respeitou o tom íntimo da descrição. *Entre na nossa bela casa e deixe o mundo para trás.* Depois de ver, passara o notebook, tão quente que poderia produzir tumores no abdome dela, para Clay. Ele assentiu e disse algo evasivo.

Mas Amanda insistira naquelas férias. A promoção lhe rendera um aumento de salário. Logo, logo, Rose se tornaria uma adolescente de ensino médio, com aquele comportamento tipicamente desdenhoso. Por um momento fugaz, as crianças ainda eram apenas crianças, embora Archie já medisse mais de um metro e oitenta. Amanda ainda se lembrava da voz aguda e infantil do filho, do corpinho de Rose enroscado nos quadris dela. Era aquilo que todo mundo dizia: no seu leito de morte, você vai se lembrar da noite em que levou seus clientes para jantar

naquele antigo restaurante da Thirty-Sixth Street e perguntou a eles como as respectivas esposas estavam, ou de quando boiava na piscina com os filhos, os cílios brilhando por causa das gotas da água com cloro?

— Parece uma belezinha — disse Clay, e desligou o motor do carro.

As crianças soltaram os cintos de segurança, abriram as portas e pularam animadas no chão de cascalho.

— Não vão muito longe — pediu Amanda, apesar de ser uma bobagem.

Não havia para onde ir. Talvez a floresta. O que a preocupava de verdade era a doença de Lyme. O desejo de demonstrar autoridade era só um costume que havia adquirido ao se tornar mãe. As crianças já tinham deixado de dar ouvidos às reclamações diárias dela havia muito tempo.

O cascalho fazia um som particular sob os sapatos de couro que Clay usava para dirigir.

— Como é que a gente entra?

— Tem um porta-chaves com segredo. — Amanda olhou o celular. Sem sinal. Eles não estavam nem mesmo numa estrada. Ela andou com o celular para o alto, procurando sinal, mas as barrinhas não apareciam. Havia salvado essa informação. — O porta-chaves está... na cerca ao lado do aquecedor da piscina. O código é 6292. A chave lá dentro abre a porta lateral.

A casa era sombreada por uma cerca viva, o orgulho de alguém, como um banco de neve ou uma parede. O jardim da frente era limitado por uma cerca de madeira, branca, sem traço algum de desarmonia. Havia outra cerca, esta de madeira e arame, que circundava a piscina, o que barateava o seguro, e os proprietários sabiam que às vezes os cervos eram atraídos por

algo e, se a casa ficasse vazia por algumas semanas, um animal iria se afogar, inchar e explodir, uma bagunça horrenda. Clay pegou a chave, enquanto Amanda ficou apenas aguardando, naquela tarde maravilhosa e úmida, atenta ao estranho som do silêncio quase absoluto do qual ela sentia falta, ou dizia que sentia, já que eles viviam na cidade. Dava para ouvir o zumbido de algum inseto ou de uma rã, ou ambos, o vento passando por entre as árvores, a percepção de um avião ou um cortador de grama, ou talvez fosse do trânsito distante, que era como o ruído do oceano que se ouve quando se está próximo dele. Não estavam perto do mar, afinal o aluguel seria muito mais caro, mas quase podiam ouvi-lo, um ato de vontade, de compensação.

— Chegamos — narrou desnecessariamente Clay quando destrancou a porta. Ele fazia isso às vezes, mas se corrigia quando se pegava em flagrante.

A casa tinha aquele som abafado típico das casas caras. O silêncio significava que era bem construída, sólida, que os órgãos trabalhavam em perfeita harmonia. A respiração do ar-condicionado central, a vigília da geladeira cara, a inteligência confiável de todos os mostradores digitais marcando o tempo em sincronia quase perfeita. Num horário pré-programado, as luzes exteriores se acenderiam. Uma casa que quase não necessitava de gente. O assoalho era composto por pranchas largas de madeira trazidas de uma antiga fábrica de algodão, as quais eram tão bem encaixadas que não se ouvia nenhum rangido ou lamento. As janelas estavam tão limpas que, uma vez por mês, o coitado de um passarinho se enganava, quebrava o pescoço e caía morto na grama. Algumas mãos eficientes haviam estado por ali, levantado as persianas, diminuído a temperatura do termostato, limpado cada superfície e passado o aspirador nas



entranhas do sofá, de onde tinham sido retirados pedaços de salgadinhos de milho e uma ou outra moeda de um centavo perdida.

— É bem legal mesmo — disse Clay.

Amanda tirou os sapatos antes de entrar. Era uma entusiasta fervorosa de tirar os sapatos na entrada de casa.

— É linda.

As fotografias no site faziam jus à realidade: as luminárias penduradas acima da mesa de carvalho, caso alguém quisesse montar um quebra-cabeça à noite; a bancada central da cozinha de mármore cinza, onde seria possível preparar massa de pão; a pia dupla sob a janela que dava para a piscina; e o fogão com uma torneira de cobre, que permitia encher a panela com água sem tirá-la do lugar. Os proprietários eram ricos o suficiente para serem contemplativos. Amanda ficaria diante da pia lavando os pratos e Clay ao ar livre, grelhando alguma coisa enquanto tomaria uma cerveja, de olho nas crianças brincando de Marco Polo na piscina.

— Vou pegar as coisas — disse Clay.

A mensagem implícita: ele iria fumar um cigarro, um vício que deveria ser um segredo, mas não era.

Amanda deu uma volta pelo lugar. Havia um cômodo amplo com um televisor e portas duplas que davam para o deque. Dois quartos pequenos, decorados em tons de azul, eram divididos por um banheiro. Havia um closet, com toalhas de praia e uma máquina de lavar e secar, e um longo corredor que levava à suíte principal, com papel de parede praiano em preto e branco. Além de tudo ser de bom gosto, também era muito prático: uma caixa de madeira para esconder o recipiente de sabão de lavar roupa, uma grande concha em que repousava um sabão

em barra, ainda na embalagem. A cama era king-size, tão grande que nunca teria passado pelas escadas para chegar ao apartamento deles, no terceiro andar. O banheiro da suíte era todo branco (azulejos, pia, toalhas, sabonete, a saboneteira feita de conchas brancas), aquela fantasia especial de pureza que servia para escapar da realidade dos próprios excrementos. Extraordinário. E apenas trezentos e quarenta dólares por dia, mais uma taxa de limpeza e um depósito de seguro retornável. Do quarto, Amanda podia ver os filhos, já vestidos com as roupas de banho de Lycra de secagem rápida, correndo em direção ao pacífico azul da piscina. Archie com as pernas compridas e os ângulos agudos, o tórax ainda pouco convexo e alguns pelos escuros nos mamilos rosados. Rose, curvilínea e bamboleante, com a penugem de bebê e o maiô inteiro de bolinhas um pouco apertado nas pernas, delineando-lhe o sexo. Um grito de animação, e os dois caíram na água com um baque delicioso. Na floresta distante, algo se assustou com o barulho e surgiu contra o tom amarronzado da cena: dois perus gordos, silenciosos, selvagens e irritados com a invasão. Amanda sorriu.

AMANDA SE OFERECEU PARA IR ATÉ O MERCADO. HAVIAM PASSADO pela loja durante a viagem, e ela refez o caminho. Dirigiu devagar, com as janelas abertas.

A loja era gelada, iluminada demais, com corredores largos. Ela comprou iogurte e frutas. Comprou peru fatiado, pão integral, mostarda escura e maionese. Comprou chips de batatas e de tortilha, além de um vidro de molho com muito coentro, apesar de Archie se recusar a comer coentro. Comprou salsichas orgânicas, pães baratos e o ketchup que todo mundo usava. Comprou uma bebida alcoólica de limão, água com gás e vodka Tito's, produzida no Texas, além de duas garrafas de vinho de nove dólares cada. Comprou espaguete, manteiga com sal e uma cabeça de alho. Comprou bacon, meio quilo de farinha de trigo e xarope de bordo comercializado numa garrafa facetada de vidro igual às de perfume barato, que custava doze dólares. Comprou meio quilo de café moído, tão forte que dava para sentir o aroma mesmo com a embalagem a vácuo fechada, e filtros feitos de papel reciclado. Quem se importava? Ela se importava! Comprou uma embalagem com três rolos de toalha de papel, protetor solar em spray e gel de aloé, porque as crianças

tinham herdado a pele muito clara do pai. Comprou aqueles biscoitos salgados finos que se serve às visitas, os biscoitos salgados que todo mundo preferia, queijo cheddar branco, homus com muito alho, um salame inteiro e aquelas cenouras que são desbastadas até ficarem do tamanho de dedos de crianças. Comprou vários pacotes de biscoitos recheados, três potes de meio litro, cada, de sorvete Ben & Jerry's politicamente correto, uma caixa de mistura para bolo simples e uma embalagem com tampa vermelha de cobertura para bolos de chocolate, porque a experiência de mãe havia lhe ensinado que, num dia de chuva, inevitável durante as férias, um dos jeitos de matar tempo era fazer um bolo com mistura pronta. Comprou duas abobrinhas maduras, um saco de lentilhas, um maço de couve tão verde que era quase preto. Comprou uma garrafa de azeite de oliva, uma caixa de rosquinhas cobertas de açúcar, um cacho de bananas, um saco com nectarinas, duas embalagens plásticas de morangos, uma dúzia de ovos vermelhos, uma caixa plástica com espinafre higienizado, uma embalagem plástica com azeitonas e alguns tomates para salada, verdes e alaranjados, embalados em celofane. Comprou um quilo e meio de carne moída, dois pacotes de pão de hambúrguer, com a parte de baixo coberta de farinha, e um vidro de picles produzido na região. Comprou quatro abacates, três limões e um molho de coentro fresco, embora Archie se recusasse a comer coentro. Custou mais de duzentos dólares, mas não tinha importância.

— Vou precisar de uma mãozinha.

O ajudante que empacotava as compras talvez estivesse no ensino médio, ou não. Usava uma camiseta amarela e tinha cabelo castanho e um jeito sério, como se tivesse sido esculpido a partir de um bloco de madeira. Ela ficou excitada ao ver as

mãos do ajudante em ação, mas este era um dos efeitos das férias, não é? Davam tesão, faziam com que tudo parecesse possível, uma vida completamente diferente daquela que se levava no dia a dia. Amanda poderia ser uma mãe atraente, dando um beijo de língua num adolescente no estacionamento de um supermercado. Ou poderia ser apenas mais uma mulher da cidade gastando muito dinheiro em comida demais.

O rapaz, ou talvez já fosse um homem, colocou os sacos de papel num carrinho e seguiu Amanda até o estacionamento. Ele botou tudo no porta-malas e Amanda lhe deu uma nota de cinco dólares.

Com o motor do carro ligado, ela verificou o celular para ver se havia sinal, e o fluxo de endorfina que sentiu ao ver os e-mails chegando — Jocelyn, Jocelyn, Jocelyn, o diretor da agência, um dos clientes, dois memorandos mandados para todos os funcionários pelo gerente-geral de projetos — foi quase tão sexual quanto o que ela havia sentido ao olhar o rapaz do mercado.

Não havia nada importante acontecendo no trabalho, mas era muito melhor ter certeza disso do que ficar se preocupando com a possibilidade de que houvesse. Amanda ligou o rádio. Meio que reconheceu a música que estava tocando. Parou no posto de gasolina e comprou um maço de cigarros para Clay. Eles estavam de férias. À noite, depois dos hambúrgueres, cachorros-quentes e abobrinhas grelhadas, de taças de sorvete com biscoitos esfarelados por cima e até alguns morangos fatiados, depois de tudo isso, talvez eles transassem — não fariam amor, que era o que acontecia em casa; transariam, como acontecia nas férias, suados, úmidos e se sentindo estranhos nos lençóis de outras pessoas. Depois sairiam, entrariam na piscina aqueci-

da e deixariam a água lavá-los, fumariam um cigarro e falariam sobre os assuntos dos quais se fala após se estar casado por tanto tempo: finanças, filhos e sonhos delirantes de imóveis (como seria bom ter uma casa como aquela só para eles!). Ou então ficariam em silêncio, outro prazer de um casamento longo. Assistiriam à televisão. Ela dirigiu de volta para a casa de tijolos pintados.

CLAY AMARROU A TOALHA NA CINTURA. O GESTO DE ABRIR PORTAS duplas continha, em si mesmo, certa grandeza. Fazia frio dentro de casa e muito calor lá fora. As árvores haviam sido podadas para manter a sombra longe da piscina. O sol forte dava até vertigem. Os pés úmidos dele deixavam marcas no piso de madeira. Elas, porém, desapareciam em segundos. Clay cortou caminho pela cozinha e saiu pela porta lateral. Pegou o maço de cigarros no porta-luvas, pisando com cuidado no chão de cascalho. Sentou-se no gramado da frente, à sombra de uma árvore, e acendeu um cigarro. Deveria se sentir mal, mas o tabaco era um pilar nacional. O ato de fumar o inseria na história! Era um ato patriótico, ou, no mínimo, havia sido no passado, tipo ter escravizados ou matar indígenas cherokees.

Era agradável ficar sentado do lado de fora, quase nu, com o sol e a brisa batendo na pele e o lembrando de que ele era apenas mais um animal. Clay poderia mesmo estar sem roupa. Não havia mais casas, nenhum sinal de outros seres humanos, exceto uma barraca que vendia ovos no sistema de confiança, a cerca de um quilômetro. Houve um tempo em que eles ficavam todos nus, juntos na banheira, Archie não passava de um

punhado de ossos e risadas junto aos pais. Mas, como não eram hippies, haviam superado essa fase.

Não dava para ouvir as crianças brincando na piscina. A casa não era tão grande, mas as árvores absorviam o barulho como o algodão absorve sangue. Clay se sentia seguro e acalentado sob a proteção da cerca viva que mantinha o mundo afastado. Ele conseguia imaginar nitidamente Amanda boiando numa poltrona flutuante e lendo a revista *Elle*, ostentando dignidade (o que era difícil, afinal até os patos perdem a dignidade sobre as ondulações da água sempre ridículas). Clay desamarrou a toalha e deitou-se. A grama pinicava suas costas. Ele encarou o céu. Sem pensar — mas, no fundo, pensando —, baixou a mão direita até a frente do calção e mexeu no pênis, frio e encolhido por causa da água. Férias davam tesão.

Clay se sentiu livre e leve, embora não houvesse muito sobre as costas dele. Tinha que escrever uma resenha sobre um livro para a *The New York Times Book Review*, por isso levava o notebook. Eram apenas novecentas palavras. Dentro de algumas horas, ele poria a família na cama, encheria um copo com gelo e vodca, se sentaria sem camisa no deque, com a luz do notebook iluminando a noite, e fumaria alguns cigarros, as ideias viriam e logo depois as novecentas palavras. Clay era dedicado, mas também um pouco preguiçoso — e ele sabia disso. Queria ser convidado para escrever na *The New York Times Book Review*, porém, na verdade, não tinha vontade de escrever nada.

Clay era professor titular e Amanda ocupava o cargo de diretora, mas os dois não tinham pisos acarpetados nem ar-condicionado central. O segredo do sucesso era ter pais ricos. Mesmo assim, podiam fingir que eram proprietários de um lugar assim durante uma semana. O pênis dele subiu em direção ao sol,



praticamente uma saudação de ioga, balançando até ficar duro diante do fascínio da casa. Bancadas de mármore e um lava-louça de primeira linha, e Clay teve uma ereção completa, o pau pairando acima da barriga como a agulha de uma bússola.

Clay se sentiu culpado ao apagar o cigarro. Nunca andava sem balas de hortelã ou chicletes. Voltou a amarrar a toalha na cintura e entrou na casa. As latas de lixo de rodinhas ficavam embaixo da bancada da cozinha. Clay terminou de apagar a ponta do cigarro com água da torneira (imagine só se ele incendiasse a casa?) e a enterrou no meio do lixo. Havia sabão líquido com aroma de limão num vidro ao lado da pia. Pela janela, era possível ver a família. Rose parecia distraída com alguma brincadeira particular. Archie fazia flexões no trampolim, elevando o corpo magro em direção ao céu, os ombros ossudos rosados como carne malpassada.

Às vezes, ao olhar para a família, Clay se sentia inundado por um desejo de *fazer algo* por eles. Vou construir uma casa para vocês ou tricotar um suéter, o que for preciso. Perseguidos por lobos? Vou fazer do meu corpo uma ponte para que vocês possam atravessar o desfiladeiro. A família era a coisa mais importante do mundo para Clay, mas obviamente eles não percebiam, afinal essa era a natureza da relação parental. Ele sintonizou um jogo de beisebol no rádio, embora não se interessasse pelo esporte. Achou que a descrição das jogadas era animada, como alguém lendo uma história para uma criança dormir. Clay pôs duas embalagens de carne crua dentro de um vasilhame grande — Archie comeria três hambúrgueres — e picou uma cebola, misturou na carne, temperou com uma pitada de sal e pimenta-do-reino moída e acrescentou molho inglês como quem bota algumas gotas de perfume nos pulsos. Depois, dei-

xou os hambúrgueres no formato de discos e os colocou num prato. Por fim, fatiou o queijo cheddar e cortou os pãezinhos ao meio. A toalha estava escorregando da cintura, então ele lavou a carne crua das mãos e a amarrou mais apertado. Encheu uma vasilha de vidro com batatas fritas e levou tudo no fogão portátil para o lado de fora. Cada etapa parecia familiar, como se ele tivesse preparado refeições de verão naquela cozinha durante toda a vida.

— O jantar já vai sair — avisou.

Ninguém prestou atenção. Clay ligou o gás e usou o isqueiro comprido para acender o fogo. Seminu, botou as carnes para assar, pensando que devia parecer um homem das cavernas, algum ancestral esquecido havia muito tempo. Quem disse que ninguém tinha estado pelo menos uma vez naquele mesmo lugar? Alguns milênios antes, ou mesmo séculos, algum indígena iroquês de peito nu e tanga de couro, acendendo uma fogueira para que a carne da sua carne pudesse comer carne. O pensamento o fez sorrir.

Com a expectativa de curtir uma semana de férias, Amanda e Clay alugam uma casa em um lugar remoto de Long Island. Tudo o que eles querem é um descanso da vida agitada que levam na cidade de Nova York, aproveitar um tempo de qualidade com os dois filhos adolescentes e se deleitar na propriedade luxuosa. No entanto, uma batida na porta tarde da noite traz uma mudança inesperada. Eles se deparam com um casal em pânico, Ruth e G. H., que afirmam ser os proprietários. Esses estranhos alegam que uma queda repentina de energia devastou a cidade e, sem outro lugar aonde ir, eles decidiram voltar para a casa de veraneio em busca de abrigo.

Sem acesso à TV nem sinal de internet ou rede de telefone, não há como checar a veracidade das informações. Amanda e Clay devem confiar nesse casal — e vice-versa? O que aconteceu em Nova York? A casa de férias, isolada da civilização, é um local realmente seguro para ambas as famílias? E, mais importante: eles estão a salvo uns dos outros?

Um *thriller* original, narrado com maestria e uma voz envolvente, que traz o leitor para dentro da trama. Com uma visão perspicaz e provocativa, Rumaan Alam levanta questionamentos sobre raça, a obsessão da classe média por dinheiro e conforto, a ideia que fazemos de nós mesmos e a verdadeira conduta moral e ética diante da própria sobrevivência.

### **SAIBA MAIS:**

<https://intrinseca.com.br/livro/o-mundo-depois-de-nos/>